



**SICAD** Serviço de Intervenção nos  
Comportamentos Aditivos  
e nas Dependências

# Novas Substâncias Psicoativas

*O caso da Salvia Divinorum*

## **Sumário Executivo**

Vasco Calado DEI / DMI

2013

Esta investigação reúne o essencial da informação disponível sobre o consumo e a comercialização de *salvia divinorum* em Portugal, dando especial atenção às vertentes sociais do consumo em vez de centrar o foco exclusivamente na substância.

O trabalho de recolha documental, com destaque para os conteúdos e a interação existentes na Internet, teve lugar em Janeiro e Fevereiro de 2013, antes da entrada em vigor do Decreto-Lei 54/2013. A partir de fontes diversas, sintetiza-se a informação dispersa relativa tanto à *salvia divinorum* como ao fenómeno das *novas substâncias psicoativas* (NSP), onde atualmente o consumo da planta se enquadra.

A *salvia divinorum*, de propriedades alucinogénias, é, há séculos, consumida tradicionalmente no contexto de cerimónias e rituais mazatecas, uma cultura indígena do sul do México. O consumo da *planta* no Ocidente remonta à segunda metade do século XX, inicialmente por jovens *hippies* e militantes da *contracultura* dos anos 60, consumidores de alucinogénios. Cinquenta anos depois, a *salvia divinorum* é hoje considerada uma NSP, e, até muito recentemente, era um dos produtos mais vendidos nas *smartshops* nacionais.

Embora a *salvia divinorum* fosse usada em Portugal uns anos antes da abertura das primeiras *smartshops*, o consumo ganhou seguramente outra dimensão e novos públicos depois disso, pelo que não se pode estudar a planta sem proceder a uma contextualização relativo ao fenómeno mais vasto das *novas substâncias psicoativas*.

Uma análise cuidada às NSP revela que, apesar de por vezes serem apresentadas como uma novidade absoluta, na verdade, o fenómeno é o culminar de um processo mais antigo de síntese e manipulação laboratorial de substâncias e princípios ativos com o objetivo de contornar a lei e introduzir no mercado produtos psicoativos a partir de uma ou mais substâncias à data não controladas.

No capítulo *Novas substâncias psicoativas* faz-se uma pequena introdução histórica, enquadrando-as numa tendência maior, e discutem-se dois fenómenos anteriores: as «drogas de desenho» e as «drogas sintéticas». Defende-se que o termo «novas drogas» é aplicado recorrentemente às substâncias que vão chegando ao mercado e que, inicialmente, são de estatuto lícito. Muitas vezes, como no caso das NSP, o «novo» não se aplica às substâncias em concreto (algumas delas sintetizadas pela primeira vez décadas antes) mas ao consumo.

Historicamente, o aparecimento de substâncias não é novidade, mas sim a forma como estas chegam aos consumidores, através de novas formas de

divulgação, marketing e comercialização. Em relação às *novas substâncias psicoativas*, o que distingue este fenómeno de outros anteriores é a grande diversificação e potência psicoativa das substâncias comercializadas, bem como a sua promoção, distribuição e venda em lojas próprias (*smartshops*) ou em sítios da Internet.

O levantamento efetuado (dados de janeiro de 2013) contabilizou 63 pontos de venda de NSP em Portugal: 56 lojas de porta aberta e 7 lojas a operar exclusivamente *on-line*, localizadas sobretudo nas principais cidades, com destaque para a área da Grande Lisboa e Porto.

A análise de interação ocorrida na Internet, nomeadamente em fóruns eletrónicos de discussão, permitiu verificar:

- A importância do ciberespaço como local de aquisição, discussão, aprendizagem e socialização com as NSP;
- A falta de informação de muitos consumidores de NSP, nomeadamente revelando desconhecimento e crenças em mitos;
- A má imagem que muitos consumidores de NSP têm das substâncias: em geral de qualidade inferior às drogas ilícitas, viciantes e perigosas para a saúde;
- A existência de uma relação entre NSP e outras substâncias ilícitas: os consumidores de NSP parecem consumir também as outras drogas e tendem a comparar umas e outras;
- A dificuldade em traçar um perfil do consumidor-tipo de NSP, destacando-se quatro grandes grupos: *clubbers*, jovens universitários, adolescentes e (ex)consumidores de drogas injetáveis. É possível concluir também que algumas substâncias parecem mais procuradas por determinados grupos: produtos estimulantes (à base de mefedrona ou outras substâncias) por frequentadores mais assíduos de discotecas ou produtos alucinogénios (como *salvia divinorum*) por frequentadores de festas *trance*, por exemplo.
- A importância da curiosidade como motivação para o consumo de muitos destes produtos. De um modo geral, o consumo de NSP parece ser mais experimental e esporádico do que intensivo, ainda que alguns produtos (como aqueles vendidos como fertilizantes para plantas) pareçam estar associados a consumos mais frequentes e estados de dependência física e/ou psicológica;
- A existência de comportamentos de risco, como policonsumos, desconhecimentos de práticas de uso seguro, apetência por substâncias o mais potentes possível, etc. Da análise resulta clara uma cultura do

risco, que é em geral assumido por grande parte dos consumidores de NSP.

No capítulo seguinte, *História de uma planta*, passa-se em revista a história da *salvia divinorum*: de planta sagrada para uma tribo índia do México a substância usada Ocidente, tanto para introspeção como por divertimento. É dado destaque à descoberta da planta e dos seus efeitos psicoativos por investigadores norte-americanos e ao processo de início do consumo no Ocidente, por parte de uma comunidade «psiconauta» interessada em alucinogénios e produtos que permitissem viagens sensoriais e exploração da mente. É feito também um resumo do estatuto legal da planta em Portugal, na Europa e no mundo.

No capítulo *Consumo de uma substância* discutem-se as diferentes formas de consumo: tradicional e moderno. Em comparação com a realidade mazateca, verifica-se que o consumo contemporâneo é radicalmente diferente no que toca ao âmbito, propósito, modo e efeitos provocados. Salienta-se a importância da descoberta do potencial psicoativo da *salvia divinorum* quando o consumo é por via fumada, nomeadamente folhas secas em forma de *extratos* (forma desconhecida entre os índios mazatecas). Assim consumida, a planta tem efeitos potentes, podendo originar alucinações bizarras, despersonalização e distorção radical dos sentidos.

Discute-se a importância dos novos efeitos na passagem para o mercado das drogas e, mais tarde, para o contexto recreativo. É feito um apanhado dos estudos publicados com dados disponíveis sobre o consumo de *salvia divinorum*, concluindo que é geralmente esporádico, não intensivo, não exclusivo, associado a álcool, *cannabis* e alucinogénios, bem como movido sobretudo pela curiosidade. Embora não se tratando de um consumo de dimensões alarmantes, em alguns países e em determinados grupos de consumidores (jovens universitários e frequentadores de espaços de diversão noturna, por exemplo), a *salvia divinorum* já é tão ou mais consumida (ao longo da vida e 12 meses) do que outras drogas, como cocaína, ecstasy ou LSD.

Com base nas palavras de consumidores portugueses recolhidas na Internet, é elencada uma série de efeitos secundários não desejados, destacando-se aumento da frequência cardíaca, perturbação da visão, dificuldade respiratória, e uma série de problemas mentais, tais como pânico, ansiedade e paranoia.

O capítulo *Comércio* analisa a comercialização da *salvia divinorum* em smartshops nacionais, com destaque para a localização das lojas, as formas de

venda e de apresentação da planta, o preço e as potências dos produtos disponibilizados para venda.

No capítulo seguinte, *Representações*, analisam-se mensagens colocadas por consumidores portugueses em diversos fóruns eletrónicos de discussão. Discute-se a importância da Internet como espaço relevante de aprendizagem, destacando-se o *Youtube*, que alberga milhares de vídeos de pessoas sob efeito de *salvia divinorum*. É feito um apanhado das representações sociais da planta, positivas e negativas, bem como das motivações de consumo.

No fim, concluiu-se que a *salvia divinorum* é uma planta de potentes efeitos psicoativos que é consumida, sobretudo em contexto recreativo, por uma população jovem que, valorizando uma experiência bizarra e assustadora como algo divertido, procura passar um bom bocado, na companhia de amigos.

Esta procura de emoções fortes, considerada por alguns como algo demasiado potente e assustador, constitui uma prática de risco e uma clara desvalorização dos potenciais riscos (sobretudo mentais), o que deve ser levado em conta em futuras intervenções e desenho de estratégias preventivas.